



Estilos de alimentação natural

Natural food styles

Entrevistada: Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho*

* Doutora, Professora visitante da Nutrição Social e do NECTAR (Núcleo de Estudos sobre Cultura Alimentar), do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Entrevista conduzida por Christiane Ayumi Kuwae.
E-mails:
mariaclaudiaveigasoares@yahoo.com.br
chrisayumi@yahoo.com.br

Esta entrevista faz parte de uma iniciativa de divulgação de teses recém-defendidas no campo científico da Alimentação e Nutrição. A tese¹, sobre o tema dos sentidos e significados da alimentação natural em grandes centros urbanos, foi defendida em novembro de 2009 no IMS / UERJ por Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho, sob orientação de Madel Luz. A entrevista foi conduzida por Christiane Ayumi Kuwae, mestranda do PPGANS da UERJ.

Ceres – Quais são os estilos de alimentação natural abordados na pesquisa e como eles se relacionam?

Maria Cláudia - A pesquisa abordou a construção de sentidos e significados do estilo natural de alimentação, englobando o *Vegan* e o *Alimento Vivo*. O naturismo configura um campo grande; o *Vegan* está delimitado num espaço menor, mas que é mais flexível quanto aos seus limites e regras do que o *Vivo*, que representou um espaço menor ainda, em termos de abrangência. Os estilos nas práticas alimentares não são fechados em si; eles articulam e se reconstróem a todo momento, são renová-

¹ Tese de doutorado em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada – Estilos naturais: uma bricolagem alimentar no Brasil urbano, defendida em 2009 sob a orientação da Dra. Madel Therezinha Luz.

veis e possuem interfaces, com aproximações, divergências, distanciamentos e até rupturas em termos de expressão no senso comum entre eles.

Os veganos ganham prestígio em relação aos naturistas por não comerem nada de origem animal. Já o *Vivo* é um “nicho” dentro dos vegans, porque além de os alimentos serem todos de origem vegetal, são também comidos crus, uma relação simbólica que não diz respeito a prestígio, nesta aproximação, mas sim às suas diferenças.

Ceres – Sua tese trabalha com aspectos subjetivos da alimentação. Para conseguir captar estas nuances, qual foi o delineamento da pesquisa?

Maria Cláudia - A abordagem é sócio-antropológica. As ciências sociais tentam compreender o “objeto”, muito mais do que fazer uma averiguação. Não é uma metodologia que busca a comprovação, mas uma perspectiva que constrói seu objeto de pesquisa, e vai utilizar teorias e técnicas destas ciências para captar sutilezas, subjetividades, com mais experiência em sua trajetória na pesquisa etnográfica e em trabalhos qualitativos, embora também possa trabalhar com dados quantitativos.

Ceres – No seu estudo, a desnaturalização foi uma estratégia metodológica. No que ela consiste?

Maria Cláudia - Desnaturalizar é estranhar um objeto de pesquisa e começar a

investigar como é que ele chegou a um certo significado próprio, um significado que dá uma impressão que seria natural desse objeto. É uma estratégia para retirar um aspecto de essência, que estaria *a priori* nos objetos, investigando como ele chegou a ser assim, como foi construído. Um exemplo seria dizer que é natural que o homem seja bruto e a mulher delicada: isso não é natural, é uma construção social. Ou então, afirmar que é natural o gosto do brasileiro por caipirinha, feijoada... Então, desnaturalização foi um processo, um aprofundamento para tirar esse *a priori*, colocado como essência nos objetos e, assim, identificar elementos dos construtos sociais que eu trabalhei.

Ceres – O que é a bricolagem alimentar?

Maria Cláudia - Bricolagem é um conceito construído por Lévi-Strauss, presente em *Pensamento Selvagem*, e também em Ricoeur e Canevacci. A partir daí, o que fiz foi uma adaptação para bricolagem alimentar. A bricolagem diz respeito a uma mudança de significados constantes no senso comum, sendo que esse hibridismo e as mudanças não acontecem sem regras. O que a gente fez, foi observar a prática de alimentação de grupos sociais e comparar com teorias capazes de tornar operacional esse conceito, como um instrumento teórico, capaz de auxiliar na compreensão do que é o estilo de alimentação natural, o que está em jogo, e quais são regras incorporadas nas misturas e hibridismos das comidas.

Ceres - Quais eram as características do seu campo etnográfico?

Maria Cláudia - O meu campo etnográfico foi construído com os naturistas na cidade do Rio de Janeiro, composto por uma classe média, numa concepção de classe que não se definia exatamente no poder aquisitivo, mas no modo como os atores sociais usam esse poder, por seus traços culturais e simbólicos. Para mostrar quem era essa classe média, dediquei um capítulo da tese a isso, pois muitas pessoas poderiam ser consideradas baixa renda se observássemos apenas a renda. Todos os fatores simbólicos que delimitavam a classe média, os estilos, as distinções, as escolhas, os locais de moradia, os modos de utilização dos bens, e não somente os bens em si eram importantes.

Ceres – Você pode destacar alguns sentidos e significados encontrados no seu estudo?

Maria Cláudia - Os sentidos e significados foram um outro capítulo da tese. Eu escolhi dentro de tudo o que eu vi no campo alguns grupos de sentidos, porque na realidade os sentidos e significados se apresentam de modo complexo e a gente não teve – nem se deve ter, aliás – a pretensão de organizá-los no sentido de dar conta de uma evolução ou de alguma causalidade. Tentei evitar congelar esses atores nos códigos de identificação, enfatizando mais o processo do que a construção em si.

Um dentre eles foi a contracultura. Ficou muito clara a influência deste movimento, que vem da década de 60, na cons-

trução deste tipo de alimentação. Não fizemos uma pesquisa histórica, mas era muito comum a referência e a importância que estes atores sociais davam a esse movimento. Na cosmologia própria deste movimento havia a ideia de salvar o mundo, de sair deste mundo de guerras, da fome, do fordismo, dos governos autoritários e ir para outro mais democrático, zen, ecológico, e é este sentido construído entre os vegetarianos para a sua militância contra o consumo de carne.

A concepção de ecologia foi um outro grupo de sentido e significados. O planeta é concebido dentro de uma ideia feminina de naturismo, uma deusa: Gaia. Gaia era uma mulher tão severa quanto responsável, feminina no sentido do cuidado do outro, do cuidar, crescer, esperar amadurecer e essa história simbólica se reproduzia nos significados dos alimentos que assumiam um valor de algo sagrado. Um exemplo concreto na alimentação é o prazer, no sentido atribuído ao gosto. Ao seguir a natureza tão sábia, você só terá prazer em comer o que necessita. Então, essas pessoas não têm necessidade de comer carne, e não sentem prazer em comer este alimento. Não é uma proibição; nenhum vegetariano demonstrou vontade de comer carne, ao contrário do que acontece com aos católicos durante a Páscoa.

Ceres – E como a concepção de natural, em seu campo etnográfico, se relaciona com o mundo contemporâneo e a alimentação moderna?

Maria Cláudia - A resposta a essa pergunta é o próprio estilo natural, que se

constrói em contraposição com o *fast food*; é uma forma social de reação a ele. Se o *fast food* é produzido em larga escala, rápido e em ambiente agitado, o natural é artesanal, o modo de fazer a comida é lento e o ambiente tranquilo. Todos os elementos do *fast food* servem para construir o natural em pares correspondentes, como uma relação de tensão; mas nem sempre de contraposição, pois muitos elementos são paradoxais e convivem bem, ainda que com significados opostos, como o guaraná natural. O guaraná industrializado é uma bebida que contém conservante, que é produzida em larga escala, mas tem o simbolismo de natural; não é natural de fato como o naturismo pretende, mas ele concebe essa bebida como tal.

Ceres – Quanto tempo tomou a pesquisa e qual foi a produção em termos de publicações?

Maria Cláudia - Essa tese durou quatro anos, mas como foi um prolongamento do meu mestrado, considero que este foi um trabalho que durou mais do que os quatro anos na realidade. Desta tese foi possível produzir três artigos; dois estão submeti-

dos a revistas científicas e ainda não foram publicados; além disso, há a produção de um livro.

Ceres – Como este tipo de estudo pode contribuir para a o campo científico da Alimentação e Nutrição?

Maria Cláudia - A alimentação é um aspecto muito forte na vida do sujeito, e nós precisamos perceber isso. Todos estes elementos: sexo, comida, música e linguagem são organizadores das nossas relações sociais, de grupos e estão presentes de um modo muito íntimo na vida do ser humano. Eles se misturam no campo da alimentação. A comida delinea uma forma de se relacionar e hoje com tanto hibridismo não é fácil compreender como isso se dá na realidade. Considero esse tipo de estudo importante porque traz reflexão ampla sobre a vida, e contribui para o campo alimentar-nutricional como um modo de conhecer os ambientes, as escolhas, os modos que envolvem o alimentar-se. Acredito que a Alimentação e Nutrição têm na apropriação de saberes das ciências sociais um suporte para a reflexão em todas as suas áreas de atuação, próprias de uma formação generalista.